

## EVANGELIZAÇÃO E CULTURA SECULAR

Marcello de Carvalho Azevedo

A ineficiência dos esforços para a *evangelização das sociedades secularizadas* deve-se, a meu ver, a dois pressupostos que se tornaram quase clássicos na reflexão eclesial a este respeito (1).

*Primeiro*, uma posição defensiva ou, por vezes, agressiva, da Igreja, em relação a uma sociedade, a uma civilização ou a indivíduos, julgados secularistas ou propensos ao secularismo, porque vivem ou se encontram num meio secular ou secularizado (2).

*Segundo*, a índole preservativa e primordialmente retrospectiva da evangelização, no sentido de voltar a práticas sociais, a expressões simbólicas e mesmo a posições doutrinárias, às quais se empresta quase automaticamente uma garantia de fidelidade à Tradição.

Estes pressupostos emergem com frequência, sobretudo em momentos de crise ou insatisfação. O segundo, quando não acentuado assim de modo unilateral e determinístico, pode mesmo ser oportuno e válido, na medida em que a Igreja retoma, por vezes, restabelece e vivifica traços ou conteúdos realmente esquecidos ou até mesmo perdidos de sua Tradição. Ela deve, porém, estar atenta ao risco de não levar bastante em conta o presente e de não se orientar para o futuro; de fazer-se menos sensível à mudança, aspecto incontornável em vista da construção da realidade futura. A Igreja pode sentir-se segura do passado e tentar não raro edificar somente sobre ele. Isto a desperta para a dimensão histórica, mas não lhe dá necessariamente o senso da História; menos ainda, a consciência de quanto esta História, na perspectiva da fé, é objeto da responsabilidade ativa dos homens, à luz do dom de Deus em Jesus Cristo.

## *Evangelização e Inculturação*

A evangelização das sociedades e das pessoas secularizadas deve repousar *primeiro* sobre o pressuposto bem fundado de que a secularização pode, em princípio, ser positiva; de que ela não acarreta necessariamente e em todos os campos o secularismo que exclui Deus e esvazia o sentido religioso do homem(3).

Em *segundo* lugar, uma verdadeira evangelização deve apoiar-se sobre o anúncio explícito e a vida vivida da mensagem cristã, partindo sempre da realidade mesma desta sociedade secularizada. O desafio posto à evangelização será, portanto, o de ajudar o homem ou a sociedade secular a descobrir o sentido da mensagem cristã e sua significação para este homem e esta sociedade concreta, a partir das premissas mesmas da cultura e da realidade secular. A evangelização não será, pois, a imposição de um conteúdo de fé e de uma mensagem estranhos que tentam em vão ignorar ou rejeitar de roldão a dimensão secular da sociedade ou da cultura, devido ao risco do secularismo.

Trata-se de tentar a *inculturação* da mensagem cristã em um mundo que se tornou estruturalmente secular. Isto não traz consigo necessariamente a secularização da própria mensagem. Ela deve permanecer mensagem religiosa. Mas deve dirigir-se e orientar-se a um mundo secular, isto é, a um mundo cujo princípio de legitimação e cujas dimensões de expressão e de ação não são religiosas e menos ainda cristãs. Este mundo secular, parece-me, pode ser sensível a muitos valores cristãos e ao Deus de Jesus Cristo, se eles lhe forem anunciados de maneira lúcida, acessível e adequada. Evangelizar a sociedade secularizada não é, pois, renunciar à identidade religiosa da mensagem, mas é traduzí-la, decodificá-la, torná-la inteligível. É sobretudo mostrar que é bem possível fazê-la passar à vida e tornar-se vida. Este último aspecto é central do ponto de vista cristão (4).

### *Dupla perspectiva da evangelização*

Para evangelizar as sociedades secularizadas em base a estes princípios é de capital importância conhecer a fundo estas sociedades em seus pressupostos básicos e em sua estrutura interna(5). A evangelização do mundo de hoje se articula em uma *dupla perspectiva*.

Um *anúncio* que se deve fazer *comunicação*. Não basta só a informação. Ele deve atrair e concretizar a *participação* de quem o recebe.

Isto quer dizer que não há somente um dar e um receber, mas deve ter lugar um intercâmbio, uma interação. Evangelizador e evangelizando devem ser ativos, reconhecer-se nas suas diferenças, respeitá-las e buscar pacientemente um terreno comum que lhes permita empreender a construção de uma nova realidade que será a pessoa ou a sociedade evangelizada. É precisamente aí que se produz a inculturação da mensagem anunciada e da fé que a acolhe. Há uma transformação dialética dos dois, que desemboca numa nova síntese: a mensagem compreendida e vivida especificamente nesta e por esta cultura, no caso a cultura secular.

A *segunda* perspectiva é a convicção fundamental de que a evangelização não é primordialmente a transmissão de um conteúdo mental, de conhecimentos, de princípios, de doutrinas, de saber. Ela não é principalmente a implantação de métodos e de práticas pedagógicas, rituais ou sociais, individuais ou comunitárias, particulares ou públicas. A evangelização é, por primeiro e sobretudo, uma *empresa de vida*: a percepção e a orientação da realidade humana vivida em profundidade. Evangelizar alguém é fazê-lo viver evangelicamente em relação a si mesmo, a seus irmãos e irmãs e a Deus. Evangelizar, portanto, é primeiramente ajudar o homem ou a sociedade a colocar-se no caminho do encontro profundo consigo mesmo, com o próximo e com Deus.

### *O processo evangelizador*

Tendo em vista estas observações preliminares, pode-se dizer que o cerne mesmo de toda evangelização se encontra na integração de *quatro elementos fundamentais*.

O *primeiro*, é o esforço consciente, da pessoa como do corpo social, de traduzir na vida o amor e a verdade que fazem a justiça. Isto é um postulado central da mensagem cristã, o homem e a sociedade secular não excluem esta perspectiva. Sob certos aspectos, eles lhe são mesmo mais sensíveis do que o foram outras sociedades no passado, marcadas muito embora por uma inspiração inequivocamente religiosa(6). Procurar, pois, e construir a justiça que realiza a verdade do amor e o amor na verdade torna-se já em si mesmo uma forma de presença e concretização do amor de Deus que, na perspectiva cristã, passa necessariamente pelo amor do próximo e pela justiça em relação a ele (Mt 25,31-46; Lc 6,20-26). Na medida, portanto, em que o homem e a sociedade buscam isto de modo responsável e coerente ou são convidados a fazê-lo sempre mais e melhor, eles atingem já o que

é, ao mesmo tempo, condição e fruto da fé em Jesus Cristo e no Deus que ele nos revelou. O homem já tem assim o alicerce da fé, mesmo se ele não é disto plenamente consciente ou não chega à percepção da identidade religiosa desta fé. Ela aí está, como um fundamento já vivido de uma fé que, enquanto fé, deve ainda vir a tornar-se explícita. Esta fé seria construída na areia se não existisse o rochedo da vida. Neste sentido, a práxis cristã antes da letra, o fato cristão da vida antes do direito, se manifesta como semente de Deus que não se deve ignorar ou desvirtuar e menos ainda destruir(7). Muitos dos que se dizem não-cristãos ou de todo secularizados fizeram deste fundamento o projeto mesmo ou o conteúdo de suas vidas. A quantos entre os que se professam cristãos falta sobretudo este alicerce. O processo, pois, que conduz ao amor e à justiça vividos na retidão e na verdade é um elemento central da evangelização de uma pessoa como de uma sociedade secularizada.

O *segundo* fator importante da evangelização é ajudar as pessoas e as sociedades a tomar consciência da realidade e da intensidade de sua vida concreta. É fazê-las descobrir o subsolo latente de seus princípios e critérios de vida e de ação, que velam ou mascaram a percepção de sua própria realidade e nelas destroem a verdadeira liberdade. Tentar orientá-las para esta descoberta é explicitar os sentidos e os valores subjacentes à orientação profunda de sua vida pessoal e à construção da estrutura social. Fazê-lo é tornar manifesta a vulnerabilidade das pessoas e das sociedades, tão expostas às manipulações ideológicas veiculadas por muitos meios. O homem secular se pretende responsável e sincero, mas ignora ou não quer saber quanto ele é conduzido apesar dele. Evangelizar o homem e a sociedade secularizada é despertá-los para esta realidade, ajudá-los a se abrirem a uma perspectiva crítica sobre si mesmos. A sociedade contemporânea, no entroncamento pluralista de sua estrutura, tende já a uma avaliação crítica de seus valores e de seus limites. Este processo pode tornar-se em si mesmo evangelizador quando é, livremente e a um tempo, *positivo* e *negativo* e quando se faz a partir de critérios que se inspiram na mensagem cristã ou são com ela compatíveis.

Ele é *negativo*, quando é claro a respeito de limites e tendências da sociedade secularizada que podem encaminhá-la seja na direção de uma imanência pura — até à negação de Deus — seja na linha da injustiça — a negação ou perversão da verdade e do amor em relação aos homens.

Ele é *positivo*, quando encoraja as pessoas a desenvolver o dinamismo de sua vida interior pessoal e a transformar ou aperfeiçoar a estru-

tura coletiva do corpo social numa perspectiva de liberdade autêntica. Tomo aqui "liberdade" como a capacidade de relativizar, criticar e corrigir ou excluir tudo o que não conduz à verdade e ao amor. Esta liberdade é tanto mais importante quanto a realidade do mundo se tornou, no pluralismo, conflitiva e polarizada. Liberdade não é neutralidade nem alienação. É capacidade ativa de exercício crítico em relação aos pólos opostos do conflito. Somente esta liberdade nos conduz a uma decisão amadurecida que não é necessariamente a expressão seletiva da exclusão ou do preconceito, que antes agravavam do que superam o conflito.

Fica patente que esta segunda dimensão da evangelização abarca o domínio da ética e da moral, passando pelos redutos do psicológico, do social, do econômico e do político. O homem secular não ignora estas perspectivas nem pretende a elas se furta. Ele é, no entanto, presa fácil da extrema complexidade dos fatores que desempenham papéis contrastantes e envolventes no cenário de sua vida pessoal e no palco não raro anômalo e anárquico da sociedade como um todo(8).

Os *dois* elementos dos quais falamos até o momento têm seu ponto de partida no que é ou poderia ser um terreno comum de sentidos e de valores entre a sociedade secularizada e a mensagem cristã. Não se deve esquecer que a percepção e a avaliação destes dados comuns podem ser, por vezes, muito diferentes(9). Voltaremos a isto um pouco abaixo.

O *terceiro* elemento da evangelização é a comunidade específica dos conteúdos da Boa Nova. Devemos fazer conhecidos os sentidos e os valores que estão no coração mesmo da perspectiva cristã de Deus, de Jesus Cristo, da Igreja, do mundo, da sociedade, da pessoa. Ao destacar estes elementos e torná-los manifestos àqueles que se evangeliza, vamos encontrar-nos, de fato, numa ou noutra das duas dimensões precedentes. Com efeito, as significações e os valores cristãos são, em boa parte, significações e valores profundamente humanos. São, portanto, pelo menos em princípio, como o sublinhamos já, partilhados, potencialmente ou de fato, pela pessoa e pela sociedade secularizada. Se porventura ainda não o são, uma das tarefas principais do processo de evangelização é precisamente ajudar a estas pessoas ou sociedades a tomarem consciência desta articulação humano-cristã ou a se submeterem a uma perspectiva crítica na abordagem de seus próprios valores e significações, como acima mencionamos. Mas há, sem dúvida, sentidos e valores cristãos em oposição direta à orientação que tomou a sociedade secularizada, a aspectos concretos do que

ela se propôs como ideal ou a concepções e formas pervertidas que ela propugna ou nas quais consente. Há também significações e valores cristãos que transcendem o horizonte da sociedade ou da consciência pessoal secularizadas e que não são por ela aceitos porque escapam à racionalidade científica e positiva tornada dominante e absoluta.

Existe, em geral, uma ligação íntima entre estes dois últimos aspectos. Alguns dados centrais da mensagem, que se inscrevem diretamente no discurso da fé e em sua forma específica de racionalidade afiguram-se estranhos à consciência secularizada, marcada pela racionalidade científico-positiva. A partir deste hiato na percepção e no discurso, tornam-se em consequência menos assimiláveis determinados sentidos e valores marcadamente cristãos: a visão cristã da vida e da morte, por exemplo, da justiça e da comunhão entre os homens, do sofrimento e da renúncia, assim como muitos outros.

Há também dimensões vinculadas hoje à realidade das sociedades contemporâneas e que resultam da distorção ou da perversão dos próprios postulados da modernidade como cultura. A igualdade entre os homens, de um lado, e a congênita desigualdade entre eles, de outro, são os dois focos que Louis Dumont escolheu para contrastar tipologicamente em suas duas obras magistrais(10) as características marcantes da sociedade moderna e da sociedade pré-moderna. Esta igualdade entre os homens — inspiração cristã e, ao mesmo tempo, plataforma liminar da modernidade como cultura — é perdida muito cedo pela sociedade moderna na esteira da ideologia e da competição individualista e das dinâmicas seletivas do poder econômico e político, que se fazem estratificadores e geram, na sociedade moderna, a injustiça estrutural no plano dos indivíduos e dos povos.

Na crítica a esta perversão da sociedade moderna se alimentam a obra de Marx e a Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt e sobretudo de Jürgen Habermas(11). Muito da atual teologia na América Latina se constrói a partir da análise e da crítica desta realidade aberrante que se consolidou nas estruturas sócio-políticas dos países deste continente. Medellín, primeiro, e Puebla, depois, fizeram da leitura crítica desta realidade e de sua transformação o alicerce mesmo do processo de evangelização em nossos países.

Face à complexidade deste quadro, a evangelização tem um papel fundamental: o de introduzir a pessoa ou a sociedade secularizada, de modo adequado, a estas dimensões que lhe são menos conaturais ou

até mesmo estranhas e opostas. Mais ainda. A evangelização deve ajudar o homem ou a sociedade a ultrapassar o horizonte que lhe é familiar na percepção dos dois primeiros planos que acima indicamos, isto é, o primeiro e o segundo elementos do processo de evangelização. O amor, a verdade, a justiça, a liberdade, sendo, como são, profundamente humanos, podem ser levados mais a fundo e muito mais longe pela consciência cristã e colocar exigências ou reclamos que vão para além da compreensão e das demandas seculares a seu respeito. É o caso, por exemplo, da justiça baseada na equidade (valor humano) e da justiça animada pelo amor cristão (valor humano-cristão); do amor pelos que nos amam (valor humano) e do amor aberto ao perdão ou do amor aos inimigos (valor humano-cristão).

É evidente que, ao nível deste terceiro fator, a evangelização se apóia sobretudo e explicitamente na fé. Torna-se, portanto, mais diretamente dom e iniciativa de Deus do que dos homens, condicionada muito embora à resposta livre e ativa dos mesmos homens. Se isto significa e traz consigo certamente muito mais do que oferece o horizonte secular, não há, contudo, oposição real ou incompatibilidade entre as duas perspectivas, mas um prolongamento e transcendência desta por aquela na unidade possível de uma dinâmica teleológica continuada e sem rupturas. A solicitude de abrir as pessoas e as sociedades a Deus e a esta visão nova dos homens, das coisas e da interação entre eles, é a missão central e específica da evangelização. Não há dúvida de que ela se tornou extremamente difícil e delicada num contexto secularizado.

É neste plano que se dá a descoberta do sentido profundo e insubstituível da *oração*. Ela não será uma violência à consciência secular, na medida em que retoma existencialmente os dois elementos acima indicados e se nutre em parte do que é a vida concreta das pessoas, ao nível de suas relações pessoais e sociais e da referência delas a Deus e ao Homem. A essência mesma da oração cristã consiste nesta articulação viva de religião e vida, de fé pessoal e existência social, oração que, para além da prática e da expressão, se faz atitude abrangente da realidade ao nível da pessoa e fonte primeira de inspiração da vida(12).

Há, enfim, uma *quarta* dimensão da evangelização: a abertura para a *Igreja*, como corpo social e institucional, visível e operativo. A evangelização toca aqui questões concretas e complexas da prática social, do comportamento, das responsabilidades comuns, das relações sociais dentro do corpo eclesial. É também neste plano que a evangeli-

zação se refere à expressão simbólica da fé, passa pela linguagem oral, escrita e ritual, pela dimensão sacramental e por sua leitura teológica ou suas estruturas pastorais. Estes aspectos ou muitos deles não são facilmente aceitáveis à consciência secularizada das pessoas ou das sociedades, que fizeram da privatização da religião um dado maior de sua concepção de vida e de fé.

De outra parte, uma certa rigidez institucional e o peso inerente às estruturas de grande escala tornam difícil à Igreja ser, por vezes, suficientemente dinâmica e flexível em um mundo no qual a mudança e as transformações se tornaram a experiência quotidiana e imediata das pessoas e das sociedades. Tal peso e rigidez são percebidos, não raro, pela mentalidade secularizada, como um elemento empobrecedor da vitalidade, da beleza e das promessas contidas nos outros aspectos da mensagem cristã já mencionados acima e que podem ser, em princípio, diretamente aceitos pela consciência secular, apesar das inegáveis dificuldades na ordem prática.

Há ainda um outro traço desta face institucional da mensagem cristã que afeta a fundo a natureza mesma da secularização. Falo das fronteiras da competência da Igreja Hierárquica em relação à vida dos homens e das sociedades. Muitos problemas no plano social, político e econômico têm um alcance humano que é também ético e religioso(13). Isto não é menos objeto da solicitude da Igreja, o que nem sempre é reconhecido e admitido pela sociedade secularizada. Este aspecto do problema se torna ainda mais agudo nos países em desenvolvimento, devido à fragilidade de suas instituições, o que força o papel supletivo por parte da Igreja. O mesmo se diga em relação à centralização do poder político, não raro autoritário, arbitrário e marginalizador; à rigidez e dependência dos modelos e sistemas econômicos, políticos e sociais destes países(14). Problema análogo se faz sentir nos países desenvolvidos, com respeito a questões concretas que afetam quer o interesse mais universal da humanidade (questões, por exemplo, dos direitos humanos, da bioética ou dos armamentos nucleares), quer certos aspectos da identidade e do patrimônio nacional ou cultural (problemas da educação, de emigração, de ecologia, de minorias, do direito do trabalho e outros).

### *Integração do processo evangelizador*

Estes *quatro* elementos da evangelização das pessoas e das sociedades secularizadas não devem ser pensados separadamente uns dos outros. É necessário considerá-los como componentes subsidiárias de um só

*modelo*, como quatro funções de um só *sistema*. Não haverá verdadeira evangelização se não se chegar a pôr em marcha o conjunto do sistema. De outro lado, estes quatro elementos podem ser tomados como marcos de um só *processo*. Haverá, por certo, uma organização metodológica, lógica e psicológica, destes fatores, postulando cada uma acentos e ritmos diferentes. Haverá, não menos, diversidade de destinatários e, por conseguinte, variações compreensíveis quanto à aproximação mais conveniente em cada caso. Mas a evangelização como um todo não pode ser pensada senão em relação aos quatro elementos que vimos de enunciar, em termos pelo menos assertivos, sem pretensão de fazê-los exclusivos.

Isto quer dizer, em primeiro lugar, que a evangelização demanda *tempo*. Supõe longa duração, porque se inscreve na escala humana, cultural e social, na qual raramente algo se faz de mais profundo sem atenção ao tempo. Seria uma grande ilusão pensar que se podem aqui queimar etapas. Isto nunca é possível quando em jogo a consciência humana, a identidade cultural ou as estruturas sociais. De outro lado, porque a sociedade secularizada é diretamente ligada às características da modernidade, ela é uma sociedade marcada pela mudança, pelas transformações aceleradas. O processo de evangelização deverá ser, pois, bastante flexível e adaptável, não só para não ignorar tais modificações, mas para lograr incorporá-las ou a elas reagir tempestiva e adequadamente, enquanto se desdobra a evangelização ou a re-evangelização. Em outras palavras, na sociedade secularizada, não haverá propriamente um termo final e bem definido do processo de evangelização. Evangelizar significa, nesta sociedade, ser capaz de repensar sempre os conteúdos evangélicos, suas práticas e expressões, em relação a uma realidade que se transforma e não mais encontrará a ordem estática, hierárquica, permanente e repetitiva que foi a marca das sociedades pré-modernas.

Isto coloca um problema sério de *discernimento* orante e crítico a todos aqueles que se dedicam ao esforço de evangelizar e, portanto, à Igreja como um todo. Isto significa sobretudo uma exigência responsável de liberdade interior, pessoal e institucional, das instâncias evangelizadoras em relação à percepção das identidades culturais e sociais e à correspondência a elas da prática e da expressão dos conteúdos da mensagem. Tocamos de novo aqui o problema concreto da inculturação. Dela se falou bastante ultimamente quanto às culturas e sociedades ainda não evangelizadas ou de recente evangelização. Bem menos estudado tem sido o problema da inculturação da mensagem cristã em relação à modernidade, tomada em sua realidade cultural e

em suas expressões sociais, assim como manifestadas nas sociedades secularizadas contemporâneas(15).

### *Instrumentos de evangelização*

Isto nos leva à consideração final, a da *instrumentalidade*, um ponto indispensável no processo evangelizador. Há diversos instrumentos de evangelização cuja importância, conveniência e eficácia são sempre relativas às circunstâncias concretas, que os limitam ou condicionam. Seria difícil, pois, pretender ou afirmar seja a universalidade dos instrumentos, seja o imperativo de sua permanência. No que toca a instrumentalidade, farei apenas algumas alusões a pontos que me parecem mais importantes no contexto latino-americano, consciente que sou da diversidade e da riqueza quase inesgotável neste campo, tanto aqui como em outras realidades.

### *\*\* Comunidade*

A experiência das igrejas locais nos mostra sempre mais a significação da *comunidade* como meio privilegiado de evangelização. Existem hoje na Igreja várias modalidades comunitárias. Suas diferenças se prendem à diversidade das características geográficas, históricas, culturais, sociais e eclesiais. Na América Latina, e particularmente no Brasil, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) fazem seu caminho. Do ponto de vista da secularização, elas se tornaram um importante elemento pedagógico, sobretudo enquanto gonzo funcional na passagem das pessoas do meio rural ao meio urbano. As CEBs nas periferias das grandes cidades comprovaram ser uma experiência válida de integração humana e cristã e um verdadeiro espaço de evangelização, seja para populações mergulhadas num meio diferente do de suas origens e quase sempre impessoal e agressivo, seja para a Igreja, enquanto fonte institucional e animadora do processo de evangelização.

Forçoso é reconhecer, no entanto, que, até o presente, as CEBs não se revelaram adequadas às camadas economicamente mais estabelecidas e que formam o núcleo mesmo da sociedade urbana e secularizada, enquanto tal. Não me refiro à crosta tênue de pessoas muito ricas, mas ao percentual significativo, constituído por pessoas numa faixa definida de instrução e de trabalho. Sua amplitude é bastante vasta para abarcar desde o operariado industrial mais qualificado até funcionários públicos e profissionais técnicos ou liberais, passando pela vasta gama de empregados no comércio e em toda sorte de serviços. Gente que enche os trens de subúrbio e os ônibus urbanos, vive de

seu trabalho remunerado e não tem sem ele condições de sobreviver como pessoa nem como família. Gente que enfrenta cada dia o rigor do relógio de ponto, come fora de casa e não dispõe de seu tempo. Gente que trabalha de dia e estuda à noite, por anos a fio, e sustenta sua vontade com a esperança de que seus filhos não tenham que passar por aí. Numa palavra, o grosso desta população urbana, estes mais de 60% do total que vivem nas cidades grandes ou de médio porte, nas megalópoles ou no interior. Até o momento, as CEBs não se revelaram adequadas a estes meios. Os instrumentos de sua evangelização parece não terem sido ainda encontrados. Antes do Concílio Vaticano II, muito foi feito pela Ação Católica e associações diversas, sob várias modalidades, restritas quase sempre, porém, a parcelas menores em relação ao todo da população católica. Após o Concílio, um grande esforço vem sendo empreendido por movimentos de leigos, sobretudo de jovens e adultos, em todos os níveis. Há também amplas frentes pastorais que catalisam o esforço da Igreja em plano nacional, como a Campanha da Fraternidade, o mês da Bíblia e outros. Não é fácil a avaliação desses movimentos ou iniciativas e de seus resultados. Ela deveria ser, em todo o caso, muito matizada, se se pretendesse apreciá-los segundo os postulados de um processo global e integrado de evangelização para a sociedade secularizada e segundo a concretização da dimensão de comunidade, considerada, sem dúvida, como fator importante na evangelização da sociedade atual.

### *\*\* Educação popular*

Ligada de certo modo à inspiração das CEBs, a *educação popular* está hoje no centro das atenções. Ela se desenvolveu bastante em decorrência da pedagogia de Paulo Freire e da divulgação e implementação de sua metodologia. O esforço de educação, centrado na iniciativa e na participação ativa das pessoas e das comunidades, a formação da consciência crítica, que decorre da conscientização das pessoas em relação à sua situação pessoal ou familiar e às estruturas sociais, econômicas e políticas, o respeito do ritmo próprio e do lento amadurecimento das pessoas e dos grupos tornaram a educação popular um elemento significativo de evangelização consciente, integrada e libertadora. Trata-se de uma educação que não gira em torno só da transmissão de informação ou de conhecimentos. Ela é fulcrada sobre o crescimento pessoal e comunitário, a partir da realidade vivida e criticamente assimilada. No que tange a secularização, a educação popular pode tornar-se um instrumento poderoso de integração dos quatro elementos de que falamos. Ele o é já para as populações

pobres do meio rural e para aquelas que chegam às grandes cidades vindo do interior do país, na medida em que estão também elas expostas às influências secularizantes.

Como já o frisamos a respeito das CEBs, é preciso dizer também aqui que as populações urbanas mais secularizadas estão em grande parte fora deste processo. Parece-me que os instrumentos válidos de uma educação das populações urbanas, educação que seja ela mesma e por si mesma uma forma de evangelização ainda não foram descobertos, apesar de sérios esforços neste sentido. De alguns anos a esta parte, a educação destes meios secularizados vem sendo repensada criticamente à luz dos dados e das intuições fundamentais que animam a educação popular. Elas são certamente válidas como inspiração de uma educação menos reprodutora e mais libertadora, que possa transformar e mesmo substituir a educação vigente nestas sociedades, tão marcada pela passividade e pelo anonimato, pela funcionalização profissional e pela competição individualista, tão pouco crítica e desenraizada da vida real. Levar adiante neste sentido a transformação da educação é abrir à evangelização da sociedade secular uma nova perspectiva. A urgência de encontrar este instrumental adequado à evangelização com e pela educação é tanto mais grave quanto é galopante o processo de urbanização na América Latina.

### **\*\* Leigos**

Um *terceiro* nível de instrumentalidade para a evangelização das sociedades secularizadas seria a intensificação da participação ativa dos leigos no processo evangelizador. As CEBs, como os movimentos de classe média, são por si um instrumental dos leigos em nossos países.

Por razões históricas ou de ordem prática, no entanto, a influência do clero, dos religiosos e religiosas sobre ambos é ainda muito sensível e, até certo ponto, determinante. Isto se explica também pela falta de preparação sobretudo teológica de muitos leigos, apesar da religiosidade profunda dos membros das CEBs e da inquestionável boa vontade das pessoas que fazem caminhar os movimentos de classe média. Estes últimos, formados não raro numa religião superficial, centrada na prática, mas vazia de conteúdo bíblico e teológico, uma religião funcional e distante da vida real, tradicional, mas desprovida de uma espiritualidade de fundo, são particularmente expostos à secularização, em decorrência de sua educação, de sua vida profissional e da organização global da sociedade em que vivem. Esta

secularização conduz em geral à funcionalização da religião, considerada então como um departamento da vida, com suas exigências no tempo e no espaço.

Estes leigos constituem todavia um ponto de partida de um esforço sério de evangelização, em que pesem as dificuldades. A atitude negativa de alguns meios clericais em relação a estes leigos não deixa muita esperança quanto à sua colaboração e presença evangelizadora. A razão principal de tal desconfiança é a posição não raro burguesa de muitos leigos, em matéria econômica, política e social, um dado por demais evidente para ser contestado. Parece-me, contudo, que não se deveria exacerbar a polarização ao ponto de excluir quase *a priori* do interesse pastoral da Igreja hierárquica muitos destes leigos, em nome da dificuldade que se experimenta em sensibilizá-los aos aspectos sócio-políticos da tradução da fé na vida e à urgência da transformação profunda das estruturas sociais. A experiência tem comprovado que eles não são tão impermeáveis quanto se pensa e é apreciável o que vêm fazendo efetivamente junto aos pobres, sem paternalismo, e junto ao seu próprio meio social e de trabalho, em vista da transformação. Concretizam-se já, em muitos deles, formas significativas de mudança do lugar social, pelo menos na análise e abordagem da realidade ou na intuição da precariedade de sua própria e ambicionada mobilidade social.

A contrapartida desta atitude negativa de uma parte do clero em relação a esses leigos encontra-se em outros setores da Igreja, reticentes quanto a leigos engajados social e politicamente, mas cuja atenção às dimensões mais espirituais da mensagem não se faz tão evidente. Reprova-se-lhes uma exclusividade imanente, horizontal, unilateral. Aqui, de novo, não está tampouco ausente a polarização estéril.

Este problema não é típico da realidade eclesial latino-americana. Encontra-se por toda a parte na Igreja de hoje e sabemos bem quanto é fácil a radicalização neste campo. Parece-me que toda tendência ao enfoque dualista e dicotômico tornou-se barreira à credibilidade da evangelização. A solução do impasse não está certamente na irreduzível polarização, nem na neutralidade alienante, nem na conformista canonização do conflito. A única via construtiva é a de uma concepção de evangelização alicerçada na verdade e no amor, que torna possível, apesar das dificuldades aparentemente insuperáveis, a liberdade interior para a integração crítica de conteúdos e acentos paradoxais e conflitivos da mensagem. Isto se torna mais viável quando se situa o problema ao nível das pessoas, mais do que das idéias

e dos programas. De um lado, como de outro, a experiência mostra a disposição de muitos de se exporem a enfoques distintos, motivados sobretudo pela evidência da situação e das realidades concretas.

A tensão é inerente a uma perspectiva cristã da vida. O conflito está também inscrito na natureza pluralista e ideológica da modernidade e, portanto, da sociedade secularizada. Só o amor torna possível a procura comum da unidade para além da diversidade inevitável. Um amor crítico e uma crítica perpassada de amor, conscientes sempre da importância do tempo. — esta dimensão tão decisiva para o crescimento interior da pessoa e para toda transformação estrutural das sociedades — podem fornecer a chave para a verdadeira evangelização do mundo secularizado.

Importa admitir a possibilidade de construir a unidade não sobre a uniformidade, mas sobre a diversidade conscientemente percebida, respeitada e acolhida. O que torna difícil uma tal posição não é a falha na sinceridade das pessoas, nem mesmo sua falta de amor. É antes o limite desta verdade e deste amor. É a absolutização dos aspectos relativos. É a carga ideológica. São, sobretudo, os imperativos inconfessados do poder. Uma verdadeira liberdade interior é o único solo fecundo de toda evangelização no amor e na verdade, que fecunda e constrói a justiça. Evangelizar, pois, as pessoas e as sociedades secularizadas e sobretudo ajudá-las a se tornarem fundamentalmente livres. Poderíamos nós fazê-lo como Igreja sem nos colocarmos nós mesmos à procura sincera desta liberdade profunda? A auto-evangelização constante desta Igreja que somos nós — os que como cristãos nos entendemos necessariamente como evangelizadores — torna-se a fonte mesma de credibilidade de todo esforço autêntico da evangelização do mundo secular no qual vivemos.

#### NOTAS

- (1) — Ao ler este artigo, convém ter presente o que o precedeu nesta revista. Expliquei ali enfoques e conceitos cuja explanação não retomo aqui. Ver AZEVEDO, Marcello de C., Opção pelos pobres e cultura secular, em Síntese, nº 26 (Dez. 1982) pp. 11-26.
- (2) — A problemática da *secularização* foi amplamente tratada nos últimos 25 anos em pelo menos três vagas distintas e relativamente consecutivas. Faz-se com isso específica e qualificada a bibliografia sobre o tema, que

não pode ser utilizada indiferenciadamente, como se fosse referente a um todo homogêneo. A primeira onda se prende à chamada "teologia da secularização". Sem relevância para a América Latina, ela é hoje, mesmo na Europa e nos Estados Unidos, um capítulo de interesse histórico, sem momento atual. A segunda, é de inspiração sociológica e foi elaborada mais nas faixas da sociologia religiosa e da sociologia do conhecimento. A terceira, mais recente, é interdisciplinar. Aproxima sobretudo as vertentes filosófico-teológica e sociológico-antropológica. A bibliografia original sobre o tema, em língua portuguesa, é escassa em qualquer das três etapas. O uso entre nós da bibliografia estrangeira nem sempre foi atento à mencionada diversidade de enfoques. Seria descabido e, de resto, desnecessário, elencar aqui a vastíssima bibliografia a respeito em outras línguas. Para uma boa visão de conjunto, o leitor poderá consultar: VANZAN, Piersandro, "Secolarizzazione", em *Dizionario Interdisciplinare*, Milano, Marietti, 1977, vol. 30, 220a-231b; VANZAN, P. e BASO, G., em *Rassegna di Teologia*, Milano 11 (1970) 120-141 e 13 (1972) 195-213/264-287; RUH, Ulrich, *Säkularisierung als Interpretationskategorie, Zur Bedeutung des christlichen Erbes in der modernen Geistesgeschichte*, Freiburg Herder, 1980; CASTELLI, Enrico (ed.), *Herméneutique de la sécularisation*, Paris, Aubier, 1976. Para uma leitura complexiva e crítica do ângulo sociológico: Glasner, Peter E., *The Sociology of Secularization, A Critique of a Concept*, London, Routledge & Kegan Paul, 1977; COLEMAN, John A., *Situation for Modern Faith*, em *Theological Studies* 39 nº 4 (Dec. 1978) 601-632. Para aspectos vários da abordagem interdisciplinar, ver os volumes publicados pelo Instituto Fe y Secularidad, de Madrid, sob o título: *Sociología de la religion y Teología*, Estudio Bibliografico, Madrid, Edicusa 1975 (vol. A) e 1978 (vol. B); DOUGLAS, Mary, *The Effects of Modernization on Religious Change* em *Daedalus* (Harvard) III (Winter 1982) 1-19. Os títulos apontados são todos analíticos e complexivos. Renuncio a indicar trabalhos monográficos ou setoriais, por óbvias razões de espaço.

- (3) – É trivial a distinção entre *secularização* e *secularismo*. A primeira comporta a retração de domínios inteiros da cultura e da sociedade de sua dependência em relação ao universo, à legitimação e à inteligibilidade de fundo religioso ou mítico. A secularização, sem excluir o transcendente, busca no imanente a explicação que este lhe pode dar para os fenômenos da ordem imanente. Enfatiza o especificamente humano e sua autonomia na percepção e elucidação da realidade. De um ponto de vista antropológico-cultural, a secularização na cultura moderna trouxe consigo a fragmentação da homogeneidade de sentidos e valores do contexto cultural pré-moderno, no qual se afirmava o predomínio ou mesmo a hegemonia do universo religioso ou mítico. O *secularismo* exacerba a tendência legítima da secularização e a conduz à inaceitável negação e exclusão do religioso e do transcendente e à afirmação exclusiva do imanente. Ver BOFF, Clodovis, *Cristianismo e Secularização*, em *Convergência* XI nº 114 (Jul/Ago 1978) 343-358, esp. notas 1 e 19.
- (4) – O problema teológico da *inculturação*, entendida como a inserção da mensagem cristã na cultura ou nas culturas, vem sendo amplamente estudado no campo da missiologia, em relação sobretudo às culturas asiáticas, africanas e indígenas não evangelizadas e/ou de recente evange-

lização. Tentei abordar a *inculturação* da mensagem cristã em relação à cultura moderna, estudada em algumas de suas componentes estruturais. Ver AZEVEDO, Marcello de C., *Modernidade e Cristianismo. O desafio à inculturação*, São Paulo, Edições Loyola, 1981.

- (5) – Ver bibliografia na o.c. acima, na nota 4.
- (6) – A *secularização* surge sobretudo no ocidente cristão e se torna elemento estrutural da cultura moderna. Apesar de seu progressivo distanciamento da Igreja como instituição, a modernidade, enquanto realidade cultural, e a secularização nela, traem suas origens cristãs em seus postulados fundamentais: a concepção do indivíduo e de seus direitos como pessoa, o sentido processual e teleológico da História, a função do homem na construção da sociedade e a posição ativa dele em relação à natureza e muitos outros traços. Há, portanto, maior conaturalidade entre a *cultura moderna secularizada*, em função de suas raízes cristãs, e a *mensagem cristã*, do que entre esta e várias culturas religiosas estranhas a qualquer influência judeo-cristã em sua gestação ou evolução cultural. Falamos aqui de afinidades em termos de princípios fundamentais e não das eventuais e inegáveis aberrações e distorções que marcam historicamente o ocidente e a cultura moderna.
- (7) – Isto que aqui dizemos em relação à cultura secular não é senão o que Pio XII enunciou na “*Fidei donum*” em relação às culturas não-cristãs e que o Concílio Vaticano II reafirmou em “*Ad gentes*”, intensificando então a tematização do problema da inculturação. Não há dúvida de que se exprime por aí a convicção, hoje assimilada pela consciência da Igreja, de que Deus atua sobre o todo da História, nos tempos e nos espaços, antes mesmo do anúncio explícito de Jesus Cristo e da salvação que nele e por ele se cumpre efetivamente em benefício da humanidade como um todo, na inesgotável diversidade das culturas e das pessoas. Em que pesem suas origens cristãs, é um fato que a cultura moderna registra hoje sentidos, significações e valores em total desacordo com a mensagem cristã. Mais talvez do que o problema de sua re-evangelização em níveis da recuperação de práticas sociais e expressões simbólicas, a cultura moderna coloca à Igreja o desafio de sua evangelização em bases novas e com outras perspectivas, ao nível dos valores e sentidos a ela subjacentes.
- (8) – Até mesmo no campo secularizado por excelência, o do método e da pesquisa científica, estamos hoje conscientes da dimensão subjetiva que compromete sempre a pretendida objetividade pura da investigação, que o positivismo, a partir de Comte e em seus desdobramentos ulteriores de tantos matizes, havia atribuído às ciências da natureza e feito transbordar sobre as ciências sociais. Comparar, p. ex., KUHN, Thomas S., *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago, The Chicago Univ. Press, 1970<sup>2</sup> e LAKATOS, Imre, *The Methodology of Scientific Research Programmes*, Cambridge, Cambridge Univ. Press 1978 e 1980, com ampla bibliografia sobre o tópico. Houve várias frentes de abordagem deste problema. Uma das mais fecundas, por certo, é a que se nos abriu com a Teoria Crítica da Sociedade, de J. Habermas. É central neste ponto sua obra *Erkenntnis und Interesse*, Frankfurt/M., Suhrkamp Vlg., 1968 e 1973. Menciono aqui este problema da objetividade científica porque,

mais do que qualquer outro talvez, ele pareceu ser reduto inexpugnável na perspectiva secularizada da tensão ciência/fé, no século 19 e em boa parte do nosso, para o qual a Igreja buscou resposta inadequada na Apologética. O problema hoje é outro e se coloca em outros termos, a partir da consciência de distintas racionalidades e diversidade de discursos... mas não podemos aprofundá-lo aqui.

- (9) — É no contexto destes dois primeiros elementos que se pode situar a perspectiva central para a América Latina da opção preferencial pelos pobres e da mudança do lugar social (Ver AZEVEDO, M. de C., *Opção pelos pobres e cultura secular*, em Síntese nº 26 (Dez. 1982). O que a Igreja pretende de si mesma e da sociedade como um todo é vir a olhar e pensar a realidade e a atuar nela e sobre ela a partir dos pobres e do seu ângulo de percepção, leitura e ação. O fato inquestionável da esmagadora pobreza no mundo, em nível individual de pessoas, como social e coletivo de regiões e de nações, deve conduzir com urgência o mundo a equacionar sua ulterior evolução em todos os domínios (social, econômico, político, cultural, etc) em vista da superação deste estado de cousas e da construção de uma sociedade da qual desapareça o câncer da injustiça estrutural, da pobreza, insegurança e opressão, da disparidade nas oportunidades e na qualidade de vida. Tem se chamado *mudança de lugar social* a esta passagem de uma perspectiva (a dos ricos e dos que dominam) à outra (a dos pobres e marginalizados). Esta mudança do lugar social pode ser primordialmente motivada pela concepção evangélica da pessoa e da sociedade. Mas nem por isso ela deixa de se encontrar já, neste nível radicalmente humano, com os reclamos e postulados da cultura moderna — historicamente pervertidos na prática — que tiveram muito de sua expressão, como de resto, de sua frustração, nas aspirações da Revolução Americana, da Revolução Francesa e da Revolução Soviética, assim como na Declaração da ONU sobre os Direitos Humanos, em 1948. Em que pese o paradoxal da afirmação, todos estes movimentos, feitos à margem do Cristianismo e, por vezes, contra ele, são versões incompreensíveis sem o referencial cristão. Há, no fundo, em todos eles, inconsciente e marcada de limites, a tentativa de captar e atuar muito da intuição do projeto e da mensagem de Jesus Cristo. Ele sublinhou nos homens sua igualdade radical, sua vocação à fraternidade e a exigência de sua liberdade, para viver a verdade e o amor na construção da justiça. No plano institucional da sociedade como no da Igreja, a História tem documentado a frustração ou perversão deste ideal, pela fragilidade ou pela maldade dos homens.
- (10) — DUMONT, Louis, *Homo Hierarchicus*, Essai sur le système des castes, Paris, Gallimard, 1967 e *Homo Aequalis*, Genèse et épanouissement de l'idéologie économique, Paris, Gallimard, 1977. Este segundo foi escrito em inglês, sob o título original *From Mandeville to Marx. The Genesis and Triumph of Economic Ideology*, Chicago, Univ. of Chicago Press, 1976.
- (11) — Para uma boa visão de conjunto da obra de Jürgen Habermas, em sua conexão com os três precedentes representantes da Escola de Frankfurt, Horkheimer, Adorno e Marcuse e destes com os pressupostos filosóficos de Hegel e Marx, ver UREÑA, Enrique M., *La Teoría Crítica de la Sociedad*, de Habermas, Madrid, Tecnos, 1978 e *Sociedad Tecnológica*,

Sociologia Crítica y Consciencia Cristiana, em Razón y Fe, 200 nº 982 (nov. 1979) 272-281.

- (12) – Ver uma incipiente tentativa de apresentar a *oração* por este ângulo em meus artigos, publicados na Revista Convergência: Rezar com coração de pobre XVII nº 153 (Junh 1982) 259-267; Oração, Deus e o Homem se encontram XVII nº 154 (Jul/Ago 1982) 325-337; Oração, Discernimento e Decisão, XVII nº 155 (Set 1982) 398-405; “Em Teu Nome...”, XVII nº 156 (Out 1982) 460-471.
- (13) – Ver PASTOR, Félix A., A ordem política e a ordem moral, em Convergência XVII nº 153 (Jun 1982) 295-308.
- (14) – Ver artigo citado na nota 9 acima.
- (15) – Ver acima a nota 4.